

Cresce no País procura por terapias alternativas

Médicos, psicólogos e psiquiatras procuram métodos de tratamento fora da ciência

LINA DE ALBUQUERQUE

Indiferente às represálias da ciência oficial, cresce no País uma categoria de profissionais da área de saúde que reserva lugar na sua estante para manuais de astrologia, tarot, I Ching, quiromancia, cristais, e livros como *A Cons-piração Aquariana*, de Marilyn Ferguson, e *O Tao da Física*, obra de Fritjof Capra. São médicos, psicólogos e psiquiatras que cederam aos propagados apelos místicos do final de século e começam a adotar técnicas não comprovadas cientificamente no trabalho.

Os Conselhos Regionais de Medicina e Psicologia não vêm com bons olhos a contaminação mística na ciência. No mês passado, o Conselho de Medicina de São Paulo se recusou a registrar uma clínica com o nome de "Medicina Holística". Apesar do veto do conselho, a clínica continua funcionando na avenida Pompeia, com a mesma denominação. Nem um pouco ortodoxa, ela mistura alopatia com homeopatia. Combina também tratamentos à base de acupuntura, biodança, tai-chi, com leituras de tarot, runas (jogo de pedras vikings) e quiromancia.

"Todas essas técnicas podem auxiliar muito a Medicina tradicional", defende o diretor da "Clínica de Medicina Holística", o cardiologista Arnaldo Marques Filho, que tem formação em clínica geral e em medicina chinesa. "O cardiopata é um indivíduo tenso e o tarot pode orientar a atuar sobre essa tensão", exemplifica. Pelas portas da "Holística", passam semanalmente mais de cem pacientes

Holismo, aliás, é a palavra-chave no vocabulário desses profissionais. Ela ganhou ainda mais relevância depois da criação da Universidade Holística de Brasília. "O holismo se refere à compreensão dos fenômenos do universo enquanto um todo integrado", explica o psiquiatra Frederico Leão, dono da "Clínica Metap-



Rogério Assis/AE

A terapeuta Catarina: técnicas alternativas ganham mais adeptos

hysic", que também incorporou acupuntura, astrologia e tarot. Segundo ele, o preconceito existente em torno desse tipo de tratamento leva alguns pacientes a ocultar o fato de frequentar a clínica.

Nos terrenos da psicologia, o crescimento do interesse pelo misticismo chega a ser até mais fértil do que nos campos da medicina. No ano passado, o Conselho Regional de Psicologia teve de se manifestar contra a inclusão de um curso de astrologia no programa de Psicologia da Faculdade Metropolitana Unidas de São Paulo (FMU). Mais recentemente, recusou a cadastrar uma clínica de terapia de vidas passadas.

"A Psicologia tem um núcleo racional enquanto ciência", afirma a psicóloga Regina Maciel, presidente do Conselho de Psicologia. "Não vamos decretar uma caça às bruxas, mas convém saber que o nosso código de ética não permite a utilização de técnicas cientificamente não comprovadas."

O interesse pelas manifestações ocultas é tão grande que reuniu cerca de 600 ginecologistas e obstetras em um congresso em Águas de Lindóia, durante o mês de agosto.

O dramaturgo Plínio Marcos está também faturando com cursos de tarot oferecidos aos profissionais da saúde. "Fiz esse curso devido ao meu interesse por mitologia, mas jamais utilizaria profissionalmente recursos dessa

natureza", diz a psicóloga Cyntia Buschinelli.

Não pensa assim a terapeuta Catarina Souza, analista da Sociedade Internacional de Trilogia Analítica, fundada pelo polêmico Norberto Keppe. Ela concilia as suas atividades de terapeuta com cursos de cristais e ioga. Uma de suas alunas, a bancária Wânia Oliveira, costuma carregar um cristal branco dentro da bolsa onde quer que vá. "Ele me equilibra energeticamente", assegura.

A estudante de Letras Ana Cláudia Cavalcanti, por sua vez, não se arrepende de ter frequentado o consultório da psicóloga Ala Koswiski, adepta do I Ching e da terapia das cores, durante oito meses. "O interessante desse tipo de proposta é que você não se sente como se estivesse fazendo terapia", avalia.

Embora o veredito da ciência oficial seja contrário ao misticismo, muitos médicos conceituados preferem não se manifestar sobre o assunto. "Não posso opinar sobre o que não conheço", despista o conceituado cirurgião Adib Jatene. O presidente do Conselho Regional de Medicina, o médico Roberto Godoy, se diz cético em relação a esses métodos. No entanto, ele não descarta que algum tipo de crença possa funcionar como ajuda psicológica diante de numa situação delicada: "Todos os médicos já tiveram um dia que chegar ao paciente e dizer: 'Reze, agora só Deus resolve'".